

PROJETO DE LEI N. , DE 2020
(Da Sra. Deputada Caroline de Toni)

Inscreve os nomes de Imperatriz
Maria Leopoldina e de Princesa
Isabel no Livro dos Heróis e
Heroínas da Pátria.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º São inscritos os nomes de Imperatriz Maria Leopoldina - dita “a Paladina da Independência do Brasil”, e de Princesa Isabel - dita “a Redentora da História do Brasil” - no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, que se encontra no Panteão da Pátria e da Liberdade, em Brasília, Distrito Federal.

Art. 2º. Esta lei entra em vigor na data da sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

O Projeto pretende relembrar à nacionalidade todas as etapas que possibilitaram a inserção do nosso país no Concerto das Nações como ente político. Para tanto, em reconhecimento à sua importância para a construção do nosso país, presta a justa homenagem à Imperatriz Dona Maria Leopoldina, como reconhecimento à sua atividade política, em especial por ter sido a artífice da Independência do Brasil, bem como, à Princesa Dona Isabel, Redentora da História do Brasil, para reconhecer a importância de sua sábia participação no processo de extinção da escravidão no Brasil.



A Arquiduquesa Dona Carolina Josefa Leopoldina Francisca Fernanda de Habsburgo-Lorena, austríaca por nascimento, lusitana pelo casamento e brasileira pelo amor; amor que nutriu desde a primeira vista e que carregou no coração e na vida até os seus últimos dias, nasceu em 22 de janeiro de 1797, no Palácio de Schönbrunn¹, em Viena, sendo a sexta filha de Francisco II, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico (mais tarde Imperador Francisco I da Áustria), e de sua segunda esposa, a Princesa Maria Teresa de Bourbon-Sicílias.

Por amor a nossa pátria acrescentou ao próprio nome Maria, ao saber que inúmeras jovens luso-brasileiras utilizavam esse prenome. Assim, pelo Batismo, era Leopoldina Carolina Josepha Francisca Fernanda; pela nação que ajudou a construir, resolveu ser Maria Leopoldina, como se dissesse: sou mais uma entre as Marias do Brasil.

Desposou por procuração, no dia 13 de maio de 1817, em Viena, com o Príncipe Dom Pedro de Alcântara, herdeiro da coroa do Reino Unido de Portugal, Brasil, Algarves e futuro Imperador D. Pedro I do Brasil. Desembarcou no Rio de Janeiro em 5 de novembro do mesmo ano, sendo recebida com grande festa popular. Em sua comitiva, Dona Leopoldina trouxe cientistas, botânicos e pintores, que fizeram famosos relatos das exóticas fauna e flora brasileiras². Tiveram sete filhos, dentre os quais, Dom Pedro II do Brasil (1825-1891) e Dona Maria II de Portugal (1819-1853).

Em um contexto conturbado, onde as dificuldades políticas centralizavam-se em quem deveria voltar a Europa, se o próprio Rei ou o Príncipe Real, Dom João decidiu pelo retorno de Dom Pedro, como seu representante no reino. Contudo, diante da adiantada gravidez de Dona Maria. D. Pedro, apesar de sua ânsia em partir para Portugal, não aceitou abandonar a esposa grávida e a filha, D. Maria da Glória, e pede para partir apenas após o nascimento de seu filho. Por fim, D. João cede.

Dom Pedro I, após pacificar as insurgências que rodeavam a adaptação da Constituição escrita em Portugal ao Brasil, assume o Reinado do Brasil, na qualidade de Regente e Dom João retorna a Portugal.

¹ **Nota 2:** Paulo Rezzutti declara, em seu livro, ter o nascimento ocorrido no Castelo de Hofburg, há, no entanto, diversos autores que nomeiam o Castelo de Schönbrunn como sendo o local de nascimento de D. Leopoldina. (Paulo Rezzutti, D. Leopoldina – Rio de Janeiro: Leya, 2017, pág. 32).

² Dona Leopoldina. Disponível em: <<https://monarquia.org.br/a-familia-imperial/arvore-genealogica/dona-leopoldina/>>. Acesso em: 1 jul 21.



Foi a partir de 1821, quando Dom Pedro I perdeu seu Ministro, o Conde dos Arcos, reduzindo-se a um mero fantoche das tropas, que Dona Leopoldina se desencanta com os portugueses e desperta simpatia pelo povo brasileiro. Com o passar dos tempos, ao perceber que o retorno a Portugal era distante, Dona Leopoldina escreve a sua irmã,

Acabou-se a esperança de viajar rapidamente para a Europa, o que, sendo bem honesta, é sorte (...) o Brasil é, sob todos os aspectos, um país tão maduro e importante, que é incondicionalmente necessário mantê-lo. O Onipotente conduz tudo para o nosso bem, e o bem comum vem antes do desejo individual, por mais intenso que seja³.

As Cortes de Lisboa pretendiam extinguir o governo central do Brasil, fazendo com que as capitanias se dirigissem diretamente ao governo de Lisboa e ao descobrirem que Dom Pedro I estava no Brasil, na qualidade de regente, começaram a articular seu retorno. E Dom Pedro demonstrava acatamento às ordens das Cortes. Tal cenário fez com que os brasileiros reagissem e manifestassem, culminando na primeira manifestação, conhecida como o “Fico”.

Neste contexto, Dona Leopoldina, ao perceber que Portugal não era uma possibilidade para o casal, pois estava nas mãos das Cortes e que se o marido cumprisse as ordens de Lisboa o Brasil se esfacelaria em diversas colônias distintas, tal como ocorria na América Espanhola, reuniu-se, em dezembro de 1821, com o grupo “patriotas brasileiros”, que defendiam a manutenção do Reino.

Dona Leopoldina, com sua habilidade de persuasão e clarividência política, convenceu o marido que deixar o Brasil seria um erro. Concordando com a esposa, em 9 de janeiro de 1822, enviou cartas a Portugal informando a Corte que não cumpriria os decretos.

Com a morte do segundo filho, D. João Carlos, após uma viagem forçada para Santa Cruz, a qual o casal culpa as tropas portuguesas, Dom Pedro torna-se incisivo em suas decisões, despachando as tropas lusitanas para Portugal. Foi a partir de então, com auxílio de José Bonifácio, que fora persuadido por Dona Leopoldina a aceitar o cargo de Ministro, que a regência passou a ter rumo claro e definido.

³ Carta de D. Leopoldina a sua irmã, Maria Luísa, in Bettina Kann e Patrícia Souza Lima. Cartas de uma Imperatriz. São Paulo: Estação Liberdade, 2006, pág. 383.



Com a viagem do Príncipe Real Regente Dom Pedro à Província de São Paulo, em agosto de 1822, Dona Leopoldina foi feita Regente interina do Reino do Brasil, desempenhando papel fundamental no processo que culminou com a Independência.

Diante do recebimento das notícias das Cortes de Lisboa, que insistiam no retorno imediato de seu marido e do rebaixamento do Brasil à condição anterior à de o Reino Unido, a Princesa Dona Leopoldina, no dia 2 de setembro, às 11 horas da manhã, reuniu-se com o Conselho de Estado, no paço da Boa Vista, para deliberar sobre as últimas determinações das Cortes, e aconselhada por seu ministro assinou o Decreto de Independência do Brasil, enviando em seguida uma carta a Dom Pedro, que a recebeu cinco dias depois, quando se encontrava à margem do riacho do Ipiranga.

Pedro, O Brasil está como um vulcão. Até no paço há revolucionários. Até portugueses são revolucionários. Até oficiais das tropas são revolucionários. As cortes portuguesas ordenam a vossa partida imediatamente, ameaçam-vos e humilham-vos. O conselho do estado aconselha-vos para ficar. Meu coração de mulher e de esposa prevê desgraças, se partirmos agora para Lisboa. Sabemos bem o que têm sofrido nossos pais. O rei e a rainha de Portugal não são mais reis, não governam mais, são governados pelo despotismo das cortes que perseguem e humilham os soberanos a quem devem respeito. Chamberlain vos contará tudo o que sucede em Lisboa. O Brasil será em vossas mãos um grande país. O Brasil vos quer para seu monarca. Com o vosso apoio ou sem o vosso apoio ele fará a sua separação. O pomo está maduro, colhei-o já, senão apodrece. Ainda é tempo de ouvirdes o conselho de um sábio que conheceu todas as cortes da Europa, que além de vosso ministro fiel, é o maior de vossos amigos. Ouvi o conselho de vosso ministro, se não quiserdes ouvir o de vossa amiga. Pedro, o momento é o mais importante de vossa vida. Já dissestes aqui o que ireis fazer em São Paulo. Fazei, pois. Tereis o apoio do Brasil inteiro e, contra a vontade do povo brasileiro, os soldados portugueses que aqui estão nada podem fazer. Leopoldina⁴.

Após a leitura da carta, Dom Pedro proferiu seu grito imortal de “Independência ou Morte!”.

No dia 12 de outubro, com seu marido foi aclamada imperatriz. Na condição do Brasil ser à época a única monarquia das Américas, Maria

⁴ Carlos Henrique Oberacker Jr. A Imperatriz Leopoldina, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional / Conselho Federal de Cultura / Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1973, págs. 273 a 283.



Leopoldina foi a primeira imperatriz do Novo Mundo. Em 1º de dezembro assistiu à Coroação e à Sagração do Imperador, na Capela Imperial do Rio de Janeiro⁵.

Em 11 de dezembro de 1826, o derradeiro boletim médico, o de número 17, informou a morte da Imperatriz Dona Leopoldina do Brasil, com apenas 29 anos, grávida de seu oitavo filho e muito doente, longe de seu marido que estava na frente de combate da Cisplatina.

Foi aclamada como “Anjo Tutelar do Império” em seu sepultamento, no dia 14 daquele mês, pela população do Rio de Janeiro.

Inicialmente foi inumada no Convento da Ajuda, situado onde hoje está a Cinelândia, no centro da cidade do Rio de Janeiro e, posteriormente, em 1954, os restos mortais, foram transferidos para o Mausoléu Imperial da Cripta do Ipiranga, em São Paulo, onde repousa.

A certeza da perenidade da memória de D. Leopoldina foi grafada no epitáfio de Frei Sampaio *“aqui repousam os preciosos restos da adorada Imperatriz Maria Leopoldina. Seu espírito, cremos, habita os céus, Sua memória, não gastarão os séculos”*⁶.

A Princesa Isabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga de Bourbon Bragança e Orléans, segunda filha, a primeira menina, do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz Tereza Cristina, nasceu no Palácio da Boa Vista, em São Cristóvão, Rio de Janeiro, no dia 29 de julho de 1846.

Com a morte de seus dois irmãos homens, Dom Afonso Pedro (1847), o primogênito, e Dom Pedro Afonso (1850), e, em respeito ao art. 117 da Constituição Política do Império do Brasil, promulgada em 1824, que previa que na falta de sucessores varões sucederia na coroa a herdeira feminina, a Assembleia-Geral proclamou-a como herdeira oficial do trono brasileiro, em 10 de agosto de 1850, com apenas 4 anos.

Foi educada, ao lado de sua irmã, Princesa Leopoldina, segundo a tradição das casas reais europeias e sua condição de herdeira do trono brasileiro. Teve educação apurada, de formação católica. Sua primeira preceptora foi a Condessa de Barral, filha do Embaixador Domingos Borges de Barros.

⁵ Dona Leopoldina. Disponível em: <<https://monarquia.org.br/a-familia-imperial/arvore-genealogica/dona-leopoldina/>>. Acesso em: 1 jul 21.

⁶ Rio de Janeiro: Typographia Imperial de Plancher-Seignot, 1827.



Para elaborar o vasto e rígido programa de estudos, foram contratados diversos mestres, entre eles, o Visconde de Pedra Branca. Estudava por mais de nove horas e meia por dia e durante seis dias por semana; constando em seu currículo as disciplinas de literaturas portuguesa e francesa, astronomia, química, a história de Portugal, Inglaterra e França, desenho, dança, piano, economia política, geografia, geologia e a história da filosofia, além de ser fluente em francês, alemão e inglês (BARMAN, 2002, p. 42).

Ao completar 14 anos, no dia 29 de julho de 1860, a princesa em obediência à Constituição, prestou solene juramento constitucional, no Paço do Senado, expressando fidelidade ao Imperador e às leis brasileiras.

Em 15 de outubro de 1864 casou-se na Catedral do Rio de Janeiro, com o príncipe Gastão de Orléans, Conde d'Eu, filho de Luís de Orléans, duque de Nemours, e neto do rei Luís Filipe, da França.

O cortejo saiu do Palácio São Cristóvão, localizado na Quinta da Boa Vista (hoje Museu Nacional), e seguiu para a capela do Paço Imperial onde foi realizada a cerimônia. O casal passou a residir no bairro carioca das Laranjeiras, no atual Palácio Guanabara e em Petrópolis.

Somente após 11 anos de casados, em 15 de outubro de 1875, que a Princesa Isabel dá à luz a seu primeiro filho, Pedro de Alcântara, Príncipe do Grão-Pará. Em 26 de janeiro de 1878 nasceu seu segundo filho, D. Luís Maria Filipe. Seu terceiro filho D. Antônio Gastão Francisco nasceu na França, em 9 de agosto de 1881 e no mesmo ano a família voltou para o Brasil.

A Princesa Isabel foi encarregada da regência do Império em três ocasiões – 1871-72; 1875-76 e 1887-88. Na primeira, com 25 anos e em cumprimento à Constituição Imperial, prestou novo juramento solene perante o Senado, tornando-se, no dia 29 de julho de 1871, a primeira senadora do Brasil.

Durante sua primeira regência coube-lhe assinar os decretos concedendo facilidades à naturalização dos estrangeiros; reformando a organização judiciária; mandando proceder ao censo do Império; firmando a paz e estabelecendo relações de amizade e comércio com o Paraguai. Seu Principal ato foi, porém, a assinatura da Lei do Ventre Livre, de 28/08/1871⁷, considerando livre todos os filhos de mulheres escravas nascidos a partir de então.

⁷ <https://www.facebook.com/OficialTvImperial/posts/534222996958480/>



Na segunda regência tomou medidas importantes sobre a instrução pública, criando várias escolas primárias e normais e reestruturando o Colégio Naval⁸.

Na terceira, tomou medidas tendentes a obter uma rigorosa descentralização administrativa; mandou construir casas para operários; executar as leis do registro civil; criou e reestruturou importantes órgãos governamentais, como o Museu Nacional, o Instituto Meteorológico, o Asilo dos Meninos Desvalidos, os serviços postais, telégrafos e muitos outros⁹.

Profundamente católica presença feminina aguerrida, ativa, defensora da extinção do trabalho escravo e da indenização dos cativos, assinou, no dia 13 de maio de 1888, a Lei Áurea, decretando a libertação dos escravos. Momento em que ficou conhecida como a Redentora.

O evento, considerado o acontecimento histórico mais importante do Brasil, após a Proclamação da Independência, em 1822, dele participaram, além de milhares de negros e brancos anônimos, grandes personalidades – republicanas e monarquistas – como Joaquim Nabuco, André Rebouças, José do Patrocínio, Ruy Barbosa, Luís Gama, Castro Alves, Tobias Barreto e, com especial destaque, a herdeira do trono, futura Imperatriz, D. Isabel de Bragança, desencadeou uma série de festejos e passeatas pelas ruas do Rio de Janeiro, com bandas de música, espocar de foguetes e a incontida alegria da população, que tomou as ruas da cidade¹⁰.

Sobre esse dia, Machado de Assis escreveu, anos depois, na coluna “A Semana”, do jornal carioca Gazeta de Notícias: “*Verdadeiramente, foi o único dia de delírio público que me lembro ter visto*”¹¹.

Seguidamente, em 15 de novembro de 1889, com a promulgação da República do Brasil a família imperial foi banida e exilada. Em 17 do mesmo mês a família imperial parte para o exílio em Paris, onde logo depois, em 1891 morre Dom Pedro. Mais tarde, se instalaram no castelo da família do Conde d'Eu, na Normandia, no norte da França, todo decorado com móveis e objetos brasileiros.

⁸ <https://www.facebook.com/OficialTvImperial/posts/534222996958480/>

⁹ <https://www.facebook.com/OficialTvImperial/posts/534222996958480/>

¹⁰ **13 de maio de 1888 - Dia da Abolição da Escravatura.** Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/es/node/509>>. Acesso em 1 jun 21.

¹¹ **13 de maio de 1888 - Dia da Abolição da Escravatura.** Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/es/node/509>>. Acesso em 1 jun 21.



No sepultamento do pai a Princesa Imperial foi reconhecida pelos conselheiros de Estado e demais nobres que a cercavam como “D. Isabel I, Imperatriz do Brasil”. Nos trinta anos seguintes, ela devotou sua vida de exilada a rezar e trabalhar pela grandeza do Brasil e o conforto dos brasileiros, ainda que em campo de atuação francamente restrito. Conviveu e apoiou todas as iniciativas de Alberto Santos-Dumont (1873-1932), que a ela era imensamente afeiçoado¹².

No dia 14 de novembro de 1921, a Princesa Isabel, faleceu na Normandia, França, aos 75 anos. Seus restos mortais foram trasladados para o Rio de Janeiro, somente no dia 6 de julho de 1953 e colocados no Mausoléu da Catedral de Petrópolis, que ela ergueu e onde estava sepultado o Conde d’Eu, que faleceu no Rio de Janeiro, no dia 28 de agosto de 1922.

Pelo exposto, rememorar a Defensora Perpétua do Brasil - como Dona Leopoldina fora conhecida é considerá-la, assim como os seus contemporâneos fizeram, como a heroína da Independência e da Consolidação da Nação e, não deixar perecer sua memória.

Da mesma forma, reconhecer a importância da sábia participação no processo de extinção da escravidão no Brasil da Princesa Isabel é medida necessária para que esse fato histórico seja assinalado com a devida reverência.

Pedimos, portanto, a aprovação da matéria, na esperança de que a importância e o mérito da nossa proposta seja também reconhecida pelos nobres pares.

Sala das Sessões, de de 2021.

Deputada Federal **CAROLINE DE TONI**

PSL/SC

¹² https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1501949

